

“O tempo é impermanência,
movimento, vertigem” —
Hélio Pellegrino, 1987

Assim começamos, movidos por um duplo interesse: no enunciado e em quem enunciou.

Hélio está presente neste número através do texto de Miriam Chnaiderman, que nos representou, quando de uma homenagem, logo após sua morte. Já há mais de um ano...

A questão do tempo também está presente para nós.

Houve o tempo de um primeiro número. Chegamos ao segundo e constatamos, no próprio momento de sua construção — o tempo, na sua versão de *posterioridade* —, o movimento ocorrido.

No primeiro número, os trabalhos que recebemos e buscamos entrelaçavam-se numa harmonia que nos assombrava por parecer previamente estabelecida — o tempo na sua versão de *anterioridade*. Os trabalhos, buscados e chegados, reverberavam, ressoavam entre si.

Neste segundo número chegaram-nos vários artigos. Bem menos foram os que buscamos. Efeitos de um tempo histórico de existência?

Podemos tentar agora, na *simultaneidade* com o acontecimento (possibilidade para a qual o tempo também se abre), saber qual é o tempo deste segundo número?

Acreditamos que é o tempo daquilo que Peter Pelbart nos permite vislumbrar, trabalhando em Foucault, o “pensamento do Fora”.

O Fora é aqui representado por um Pellegrino e por um Jurandir que ficam fora (dentro) daquilo sobre o

que se *costuma* refletir, e principalmente falar e principalmente escrever.

Fora (dentro) do cotidiano da clínica, que, no cotidiano, não *costuma* ser abordado — como no livro de Manoel Berlinck, visto por Luiz Carlos Menezes.

Fora (dentro) da abordagem lacaniana do feminino — o livro de Sèrge André, na apreensão da Marcia Arantes.

Um questionamento, de fora e de dentro, da fala do analista, no escrito de Maria Cristina T. Prandini.

Fora dos textos mais voltados para Freud em Freud, como no artigo de Elisa Ulhôa Cintra, em que Bion é posto face a face com Freud; como no artigo de Paulo Siqueira em que Klein, Winnicott e Lacan se entreolham na localização do objeto.

Fora da instituição consultório — atendimento em grupo em instituições públicas (artigo de Ana Maria Sigal) e o trabalho de um grupo na rede pública, em convênio com o governo estadual.

Fora (dentro) dos limites da Psicanálise — artigos de Peter Pelbart e de Ely Teixeira.

Um tempo do “pensamento do Fora” que nos deu vertigem, quando nos atraiu em termos de publicação.

Aceitamos esta aventura, mesmo porque na aventura já estamos há treze anos, desde que nos pusemos num projeto de formação em Psicanálise.